

## **Sobre o embaixador, Pedro Abrunhosa, que nos inspira!**

A discografia de Pedro Abrunhosa faz parte do imaginário de várias gerações de portugueses. Mas o que mais nos impressiona no artista é o direito à indignação, que exerce com dimensão poética e consciência crítica, transformando em música um olhar atento sobre o mundo que nos rodeia. Pedro Abrunhosa é, além do mais, um homem da cidade. A sua obra é de temática marcadamente cosmopolita e as histórias que nos conta, comuns a tantos outros pós-modernos, encontram na energia da urbanidade, e na interioridade dos recantos de cada lugar nosso dentro da cidade de todos, o cenário.

Os bons artistas são aqueles que, em minha opinião, dominando a técnica da expressão escolhida, são capazes de nos tocar, nutrindo as suas propostas de intelectualidade, emoção, recolhimento e mundo. A música de Pedro Abrunhosa, arte do humanista, toca-nos. É próxima de cada um de nós.

A dimensão do descrito cruza, em pleno, com os pressupostos do AMIarte, núcleo de ação cultural da Fundação AMI. Pedro Abrunhosa luta, através da sua música e da sua atitude perante a vida, pegando nas palavras de Fernando Nobre, “contra a indiferença e a intolerância” E, além de tudo, é um homem do Porto. Foi, por isso, com enorme alegria que recebemos a notícia de que aceitava ser embaixador da 8ª edição, no Porto, da exposição ARTE URBANA em MUPIS.

A mensagem de “Quem me leva os meus fantasmas”, tema do álbum *Luz*, lançado em 2007, cruza-se, em pleno, com as preocupações da Fundação AMI e em cada palavra notamos o poder de síntese da Arte e, ao mesmo tempo, a densidade de um artista atento e ativo enquanto agente da mudança que todos queremos ver no mundo.

Obrigada, Pedro.

## **Sobre “A Cidade”, motivo do comissariado.**

Em “As Cidades Invisíveis”, o cubano Ítalo Calvino (1923-1985) apresenta-nos as descrições das cidades que Marco Polo (1254-1324), considerado o maior viajante de todos os tempos, fez ao imperador Kublai Khan. O diálogo, enquadrado no realismo mágico de Calvino, entre o imperador dos tártaros e o veneziano, integra ilustrações de 55 cidades, todas com nomes de mulheres. O interesse de Khan nos relatos prendia-se com a vontade de construir um império baseado no melhor do imaginário de cada local. A relação entre os dois personagens dura 17 anos e o imperador dos tártaros, incapaz de conhecer os seus domínios por inteiro, viaja a partir dos olhos de Marco Polo.

As cidades – lugares de partilha vivencial dos homens – e as viagens – momentos de encontro com o outro, de descoberta e de conhecimento – foram sempre temas de reflexão de artistas e intelectuais, na dicotomia do ser integrado no coletivo e, ao mesmo tempo, do desenvolvimento pessoal interior, de que é feita a vida de cada ser humano. A pós-modernidade líquida em que vivemos, no recurso à imagética de Zygmunt Bauman, é o tempo da velocidade da vida, da insuficiência do tempo, da ânsia do eu em detrimento do coletivo. É o tempo do sonho cosmopolita do ter e do parecer. Viajar e ver o mundo é a maior ambição do Homem pós-moderno, como se na viagem se afirmasse o sucesso, profissional e individual. Nas cidades que escolhemos, para viver ou para degustar, queremos experienciar tudo, enriquecer repertório semântico e social. Queremos ser felizes e no meio do conceito, abstrato ou concreto, da (nossa) felicidade somos tantas vezes indiferentes ao outro e tolerantes só por moda, sem o sentir ou integrar. Mas essa cidade segregada, do falso coletivo social, é a cidade que nos fascina interiormente, que nos desperta a contemplação do belo e do inusitado, do rude e do pitoresco.

O Porto é assim. E por isso é motivo. Por isso e porque, pelo olhar dos artistas, privilegiados e experientes viajantes, vemos o mundo invisível à nossa indiferença e intolerância. Os artistas são esses deuses do Olimpo da pós-modernidade (hoje, de resto, como em toda a História da Arte) que nos elevam horizontes e despertam consciências.

Se a causa da Fundação AMI fosse uma cidade, seria a “Utopia” de Thomas More (1478-1535), aquela em que os seus habitantes “não usam dinheiro, apenas em caso de uma eventual necessidade. Existem hospitais e médicos, apesar destes serem muito pouco procurados, pois todos são incontestavelmente saudáveis.” Utopia é a cidade em que a AMI acaba. Mas na ausência da utopia, a missão continua.

### **Sobre os 20 Artistas, os protagonistas do tempo e da História.**

Na seleção de artistas vale a pena começar pelo fim, que é, na História do mercado da Arte em Portugal, o início: Jaime Isidoro, o único dos 20 que já deixou o mundo dos vivos, mas cuja obra, de 2003, evidencia a irreverência de uma vida inteira dedicada à causa das causas: a Arte. É a admiração pelo Jaime que me leva, sempre, ao cruzamento geracional, de tendências e de expressões, numa opção, nem sempre pela cotação, mas pela intuição. Foi, muitas vezes guiado por uma apurada intuição, que o “aguarelista do Porto” lançou tantos nomes da cena artística contemporânea portuguesa. Sigamos-lhe o exemplo, sem complexos ou pré-conceitos institucionais.

De uma forma geral, e tomando em linha de conta o tema, a exposição integra, no essencial, quatro núcleos de criadores de imaginários: os da pintura, os da fotografia, os do grafiti e da ilustração e os da escultura.

No último núcleo, três autores (Jaime Lopez, Miguel Neves Oliveira e Luís Canário Rocha) com propostas que têm como denominador comum o uso de materiais reciclados e provenientes de desperdício.

Do grafiti e da ilustração, uma levada de artistas, nascidos nos idos anos 80 (Hazul, Xizemen, Godmess) que têm a rua como galeria primordial. No leque, incluir a delicadeza de Constança Amador, pela técnica, sobretudo, em consonância com os seus contemporâneos. No mesmo território, embora com proposta técnica única entre as 20 (uma infografia), António Barros traz-nos o drama das mulheres impossíveis de amar do século XXI, lembrando-nos a importância da sua geração de artistas, os da pintura-poesia, conceptual e livre, para o tempo porvir, que é o de hoje.

A fotografia traz surpresas, várias gerações e uma proposta internacional. António Domingos, João Baeta, Lauren Maganete, André Lemos Pinto, Tit Viscek e Inês S. Pinto apresentam-nos detalhes das cidades, à vista desarmada ou debaixo de teto, num conjunto de obras que dão sentido crítico à mostra.

À pintura de Jaime Isidoro junta-se Henrique do Vale, Isabel de Sousa Pinto, Manuel Malheiro, Alvarenga Marques e Renata Carneiro, numa paleta total que nos traz África mas também o Porto, que nos traz tragédia e sangue, mas também vida e memória.

Do global, a cidade pode esperar rever-se na multiplicidade que a caracteriza, no detalhe inacessível à indiferença e na sensibilidade da razão de cada habitante.

Obrigada a todos por serem os protagonistas desta 8ª edição. “A Cidade” é vossa!

*Helena AM Pereira*

Coordenadora do AMIarte